



## 2013 - Ano do XI ENCONTRO

O mundo não acabou e muito menos a nossa amizade, alimentada pelo convívio, pela comunicação e pelo ideal comum. Por isso, estamos convocando a grande Família do Ibaté para o nosso XI Encontro, dia 24 de agosto de 2013, no vetusto casarão do nosso Seminário Menor.

Até este ano de 2013, já foram realizados dez gratificantes encontros. Em todos eles, infalivelmente (no melhor estilo papal), o assunto que polarizava as conversas dos vários grupinhos, de diferentes épocas, que se formavam no dia era sempre o mesmo: “Você se lembra daquele dia...?” Emendava outro: “E naquela noite no ‘estudão’?” e, no meio de risos marotos, era comentado algum fato acontecido há 40, 50, 60 anos!!!

O grupinho dos ex-alunos “jurássicos”, por exemplo, - todos reclamando que, no lugar do churrasco, uma canja seria bem melhor - lembrava a malhação do Judas no Sábado de Aleluia, ou a construção do novo campo de futebol.

O grupinho dos que entraram pro Seminário mais tarde, quando a disciplina já estava mais branda, recordava as contendas do Leão de São Marcos versus Galo de Ouro ou, então, sobre a novidade da implantação do espiribol.

Vários dos ex-alunos mais novos perambulavam orgulhosos com seus filhos pelas dependências do Seminário, para eles conhecerem as salas de aula, o palco, o dormitório, dependências, enfim, onde seus futuros pais viveram momentos importantes da vida.

Mais uma vez infalivelmente, o assunto das conversas: a presença vinte e quatro horas do Pe. Constantino ou, posteriormente, Mons. Constantino. Mais querido, ou menos querido, sempre se falava daquela figura que tentava impor uma disciplina militarizada na rotina do Ibaté.

Também, pudera! Pra quem não sabe - acho que todos sabem - Pe. Constantino, antes de ficar padre, serviu o Exército Brasileiro. Depois, recém-ordenado presbítero, “jovenzinho” ainda, foi mandado pro Seminário pra tomar conta de uma multidão infanto-

juvenil, dando o melhor de si para a iniciação na disciplina eclesiástica. Com o passar dos anos, ele descobriu que, a ferro e fogo, não era a melhor maneira de forjar uma personalidade.

Mas...

...mas, se os tempos modernos fecharam as portas do Seminário Menor, escancararam as janelas das nossas lembranças de outrora, lembranças também da Padroeira, o Imaculado Coração de Maria. Dessas lembranças emergiu a saudade; saudade dos colegas, dos professores, dos fatos passados, dos que já faleceram...

Daí porque SAUDADE será o tema desse próximo encontro.

Marque em sua agenda, coloque um lembrete na geladeira, avise, desde já, parentes e amigos. Sua presença é fundamental para que nossa confraternização se transforme num evento significativo, capaz de nos trazer de volta pessoas e lugares que, de forma indelével, marcaram nossa formação.

E, sobretudo, comece a pregar as delícias de um encontro fraterno. Vamos celebrar a SAUDADE. Aquela saudade sadia e reconfortante, e, a um só tempo, celebrar a Mãe. Toda a nossa celebração eucarística estará voltada para a Padroeira, o Imaculado Coração de Maria, sob cuja proteção nos colocamos ontem, hoje e sempre.

Nosso encontro dura só um dia (e como passa depressa!), mas seu efeito é duradouro, marca a nossa retina, aquece o nosso coração, aperta os laços de nossa amizade. No final do dia, voltamos reabastecidos, certos de que não estamos sós e que formamos uma corrente de fé, otimismo e confiança, uma vez que somos parte de uma grande família que a distância não consegue separar.

No primeiro encontro em 1993 gravamos: “Das Colinas do Ibaté, teu Coração de Mãe nos preparou para as lutas da vida”. Neste XI Encontro, dizemos: “E a saudade nos trouxe de volta ao teu Coração para dizer: VALEU!”.



# O MEU AMIGO PADRE AUGUSTI

(In memoriam)

Attilio Brunacci\*



Pe. Augusti

No dia 8 de dezembro de 2012, perante uma grande plateia no “Auditório Vitae” do Memorial da Resistência, (antigo DOPS-Departamento de Ordem Política e Social), foi concluído o processo jurídico de anistia política post-mortem do meu saudoso amigo Padre José Eduardo Augusti. Nessa oportunidade, ele foi simbolicamente julgado e oficialmente inocentado pela Comissão Nacional de Anistia do Ministério de Justiça. Esse evento histórico culminou com o pedido de perdão por parte do Governo Federal pelos sofrimentos a ele causados em decorrência da sua dedicação e trabalho pastoral em favor dos mais fracos e oprimidos.

Nós nos conhecemos em 1956 quando ingressamos no Seminário Central do Ipiranga para os estudos de Filosofia e de Teologia - de 1956 a 1962. Foram sete anos de convivência nas mesmas salas de aula, mesmos recreios e práticas religiosas, mesma disciplina clerical, dormitório e refeitório...

O seminarista Augusti era recatado, sem ser tímido. Ele “era do bem”! Fino e educado, vivia sempre sorrindo. Dedicado aos estudos, seus problemas de cardiopatia impendiam-no de se dedicar aos esportes, exceção ao “espiribol” que praticava sempre com muita jovialidade.

Manifestou grande interesse em participar de projetos culturais relacionados com a música, o teatro, etc., e também com projetos sociais. Criamos o MUD, Movimento Universitário de Desfavelamento, movimento de promoção humana com os estudantes da Faculdade de Medicina da USP, na Favela do Vergueiro, hoje, Estação Chácara Klabin do Metrô.

Nos últimos anos de 1950 e na década de 1960, o mundo, o Brasil e o Estado de São Paulo passavam por transformações de caráter social, econômico, político e tecnológico, que desenhavam um inusitado panorama:

- o lançamento do Sputnik, depois um foguete com a cachorra Laika e, em seguida, o homem chegando na Lua;
- a guerra do Vietnã e a construção do muro de Berlim;
- a revolução cubana de Fidel Castro;
- os movimentos feministas e as pímulas anticoncepcionais;
- a militância e morte de Luther King

- João XXIII e a Mater et Magistra
- no futebol brasileiro: campeões mundiais Suécia (1958) e Chile (1962);
- a capital do Brasil muda do Rio de Janeiro para Brasília; surge o mito JK;
- eleição de Jânio Quadros e posse do vice, Jango Goulart;
- a partir de 1961, o Brasil começa a viver um período de efervescência política com a renúncia de Jânio e a turbulenta posse do seu vice. Já pairava no ar um clima de disfarçado desconforto na seara das elites mais conservadoras do país;
- expressivo incremento do parque industrial paulista, a implantação da indústria automobilística e o crescimento econômico;
- dinâmica do fluxo migratório para São Paulo, os irmãos nordestinos fugindo da seca e do abandono por parte do Governo, com a geração de problemas sociais.

Nesse cenário de mudanças nas esferas econômica, social e política, os futuros padres deveriam se apresentar com uma nova identidade, não mais com aquela identidade de casta clerical que marcou séculos e séculos a presença da Igreja no Brasil.

Então, os nossos superiores abriram as portas do Seminário Central do Ipiranga para a entrada dos ventos de uma nova realidade, de uma sociedade nova e necessariamente melhor. Ventos que deveriam oxigenar o cérebro dos futuros padres de modo a deixar de lado o ranço de uma formação tradicional e, no seu lugar, uma formação mais de acordo com as exigências do Brasil que estava mudando rapidamente..

Registro aqui alguns eventos que marcaram nossos cursos de Filosofia e Teologia e que despertaram nos futuros padres uma vocação para uma ação pastoral em favor do nosso povo cada vez mais excluído dos benefícios do crescimento econômico. Para não deixar dúvidas: uma ação pastoral que refletisse fielmente a mensagem do Evangelho coerente com os tempos modernos:

1. 1956 - Congresso Nacional de Vocações Sacerdotais. Ênfase à necessidade de estabelecer um novo paradigma na formação do seminarista como futuro padre. Nas Atas do Congresso, foi registrada uma citação de Leão XIII: “É preciso que o clero saia da sacristia para ir ao povo”.

2. Arte cinematográfica - exibição e discussão de filmes (cinefóruns) de conteúdo sociológico. O Neorealismo Italiano estava no auge. No Brasil, o cineasta Lima Barreto com “O Cangaceiro”, prêmio no Festival de Cannes, e com “A Primeira Missa” (Dionísio Azevedo e Galileu Garcia), filmado no Seminário Central do Ipiranga com a participação dos seminaristas como figurantes. A “Sétima Arte” já não era mais ocasião de pecado para os futuros padres...

3. 1961 - no contexto da renúncia de J. Quadros, nosso Centro Acadêmico promoveu um seminário sobre problemas socioeconômicos do Brasil. Título: “A Revolução Brasileira”. Palestras e discussões conduzidas pelo Padre Fernando Bastos de Ávila, professor de Sociologia e de Doutrina Social da Igreja na PUC/RJ.

4. Nesse mesmo ano, recebemos a visita de Dom Giovanni Battista Montini, cardeal de Milão e futuro papa Paulo VI, que continuou os trabalhos do Concílio Ecumênico Vaticano II, iniciado pelo papa João XXIII.

5. Nosso Centro Acadêmico convidou Franco Montoro, na época, ministro do Trabalho do Governo J. Goulart, para uma conferência no Seminário. Como curiosidade, na noite de sua vinda, chovia torrencialmente. Sua chegada causou espanto para nosso reitor que, propositalmente, não fora informado do convite feito.

6. A chegada ao Brasil do Movimento por um Mundo Melhor que foi acolhido com entusiasmo pela nossa casa de formação. Mais uma oportunidade para a transformação do mundo. “Mundo Melhor”, não “Igreja Melhor!!!” O slogan: “Transformar o mundo de selvagem em humano e de humano em divino”.

7. Época, enfim, em que os seminaristas se inspiravam no educador Paulo Freire, no antropólogo Darcy Ribeiro e no economista Celso Furtado, todos, e cada um em seu campo, dando o melhor de si para as reformas das conservadoras estruturas brasileiras. Uma vez ordenados padres, nós nos separamos. O amigo Pe. Augusti foi para o interior de onde viera e levou consigo a bagagem de “padre progressista”, ou “padre comunista”, bagagem que acumulou no caldo de cultura

dos sete anos de estudos religiosos.

Começou, então, junto ao povo seu apostolado com a moldura da dimensão humana dos ensinamentos do Evangelho, numa linha que enfatizava a conscientização da sua comunidade quanto aos seus direitos e deveres como cidadãos.

Em 1964 irrompeu o golpe civil-militar que, a título de livrar o Brasil dos corruptos e subversivos, começou a perseguir com unhas e dentes a todos aqueles que se recusassem a aprender pela cartilha dos militares, sujeitar-se à nova ordem política e, principalmente, subjugar-se aos detentores do poder econômico. Sua ardorosa defesa em favor dos Direitos Humanos transformou-o em mais uma vítima da repressão política que assolou o Brasil após 1964. Esteve encarcerado três vezes no período de dois anos, nas prisões do DOPS e no Presídio Tiradentes, após injusta condenação em processos eivados de irregularidades, de torturas e de falsas testemunhas.

Mesmos depois das prisões e torturas, que agravaram ainda mais a sua saúde, o Augusti não esmoreceu; continuou seus trabalhos pastorais junto aos boias-frias, aos pequenos produtores rurais e ao lado da sua comunidade paroquial no interior de São Paulo.

Meu amigo Padre José Eduardo Augusti faleceu no dia 9 de março de 1997.

(\*) Attilio Brunacci, 76 (49/55) Educador e Consultor Ambiental na área de Desenvolvimento Comunitário. Graduado em Filosofia e Teologia. Autor dos livros: “Grazie Tante”, autobiografia, “São Paulo na Frente pelo Trabalho” e “Cetesb: 25 anos”. Exerceu o sacerdócio no período de 1962 a 1970. atiliobrunacci@gmail.com

## Feliz ano novo!



Augusto José Chiavegato\*

Em nossa vida, ano a ano como folhas caem. Chance de contar com a primavera e de esperar por um ano novo, melhor que o velho que acabou.

Nunca fui saudosista, nem hoje à altura dos meus setenta e sete anos, tenho direito de me sentir velho, mas contente, resvalando entre tristeza e saudade. Ontem foi melhor que hoje? No meu tempo... não. Agarro-me avaramente a todos os dias de minha vida que se passaram. Isso é minha vida e de nada me arrependo. Do mal que fiz, lamento, por egoísmo à força do pecado original, nostalgia do ventre materno, voltar à segurança do animal no paraíso do Éden que perdemos, não em situação de pecado, missão de ser homens, superar o animal, ao inventarmos os caminhos da liberdade. Dois amigos ateus, Nietzsche e Sartre, iluminam-me o sentido de minha vida: a liberdade humana é uma maldição, expulsado o homem do paraíso animal: comerás o pão ao suor do rosto (Gênesis 3,19), eu digo, não como maldição, não como castigo, mas missão. Nietzsche: ser homem é superar o animal, ideal caminhar no sentido ao super-homem que nunca se realiza, horizonte que não se atinge, mas atrai. Esta utopia realiza-se quando Deus se fez homem, não consumando a história da liberdade do homem. Deus ao tempo horizonte que se foge, atrai-nos, não nos empurra, lado a lado caminha, conversando, contando sua aventura de homem.

Um ano novo está aí, melhor, dependendo de suas mãos. Feliz ano novo! A felicidade não cai do céu, não por graças de todos os santos, nem por loteria. Os dados não foram lançados a nosso favor, nem contra. Acontece que não mais estamos sós em caminhada, céus não mais são longínquo horizonte, miragem que se desfaz.

Por tudo creio que um ano novo traz uma esperança, vejo-a refletido nos olhos de meus filhos e netos. Nas mãos deles está o destino, quer dizer, a missão de construir um mundo melhor, conduzidos pela misteriosa ação de Deus, respeitando a liberdade dos homens.

Termino, meu tempo não era melhor, mas era o meu. Apesar de saudades, o que vale é o hoje e especialmente o amanhã. Resta-me missão de velho a transformar saudade em esperança, por fim cantar como cigarras que estouram, como João Batista, quando sua missão termina.

(\*) Augusto José Chiavegato, 78, ex-aluno do Seminário do Ipiranga de 54 a 57. Filósofo e Professor Universitário aposentado. Lecionou no Seminário Central e na PUCSP. Exerceu o sacerdócio no período de 1960 a 1975. augustochiavegato@globo.com



Companheiro Paulo Toschi, você teve a experiência da morte no Seminário, como diz no capítulo sexto de seu livro **PALAVRA DE SEMINARISTA**, quando o Jésus morreu na piscina. Nós a tivemos com a morte repentina, em pleno recreio, de José Benedito, cujo pai conhecemos, e cuja família, em função da morte do jovem, frequentamos depois algumas vezes. Meu Diário tratou do assunto da morte do Benedito e da decorrente aproximação de sua família. A morte marcou nossa época de 1959.

Outro assunto no capítulo: a expulsão branca de um aluno meio tarado, uma exceção, evidentemente, que nos obriga a pensar na educação sexual nos tempos de Seminário. O comentário do Steck tocou no assunto. A questão do homossexualismo não pode surpreender ninguém que tenha estudado num colégio interno. Nos tempos do Ibaté era raro, mas havia. Assunto meio tabu até entre os estudantes. Mas que impressionou e até escandalizou alguns de nós. Merece mais estudo de nossa parte. Escrevi uma espécie de conto, meio comprido, chamado **INICIAÇÃO DE UM MENINO TÍMIDO**, onde eu retrato a multifacetada questão sexual no colégio. Penso eu que todos sofremos por nossa ignorância sexual na adolescência.

Interessante, Paulo, no título do capítulo sétimo, o subtítulo "Winetou", nome de um livro de Karl May. Como se houvesse uma inconsciente identificação entre leitura e refeição nos anos de colégio. Que fica explícita, quando você afirma: "Em São Roque, as refeições eram tomadas em silêncio." Alguém poderia perguntar: por que em silêncio? E você em continuação: "Durante o almoço e o jantar, eram lidos livros." Eis a identificação completa. Quem não gostava de ler tinha, pelo menos, de ouvir a leitura dos livros. Lembro-me que os companheiros gozávamos das aventuras de Karl May, menos o José Moreira. Talvez por ser ele um leitor apaixonado, e nós outros ouvintes pouco atentos. Eu gostava mesmo era das aventuras de Júlio Verne: me pareciam mais verdadeiras. Nosso gosto por livros talvez se explica por essas leituras durante as refeições.

Quanto aos padres, meu caro Paulo Toschi, de que trata o capítulo nono, alguns foram de seu tempo, outros não. Da maioria guardo boas lembranças, seja como professor, seja como ministro, ou padre espiritual, ou como reitor. O Pe. Pascoal Amato não me marcou tanto como padre espiritual, mas como professor de Literatura, cujo

conselho para escrever Diário segui ao longo da vida. Aliás, depois de uma viagem que ele fez à Itália, tivemos oportunidade de ouvir belas páginas de seu Diário sobre o que ele viu. E o que ele fez comigo, eu fiz depois com outra estudante do SENAC: animar a escrever. E ela ainda hoje me chama de seu Pascoalino, em homenagem ao Padre.

O Pe. Expedito foi uma vez nosso padre ministro. Uma cena especialmente me ficou na memória: a imagem de seu rosto no vidro da porta do salão de estudos, espiando o comportamento dos adolescentes que deviam estar estudando. Era como se o próprio Deus nos observasse em silêncio. Mas o Pe. Expedito era também o regente da Schola Cantorum e da Banda de Música que tantas emoções arrancavam dos corações de todos!

O capítulo nono também provoca minha memória. Meu último ano de Ibaté (1959) possivelmente tenha sido o que recebeu o maior número de crianças e jovens da história do Seminário. Chegamos a 250. Veio gente de todo lado. Lembro-me, por exemplo, que os maiores vieram dormir em lugar ao lado do antigo refeitório, na parte de baixo, portanto. E nesse dormitório, ao acordar, podia-se tomar banho logo cedo. Sempre, é claro, com água fria que, no inverno, era gelada. Eu fiz essa experiência aos dezenove anos de idade. Inesquecível um banho gelado logo cedo!

Finalmente, Paulo, no capítulo dez, seu livro recorda uma brincadeira que há de estar na origem da vocação de vários de nós, lá no longínqua infância: brincar de rezar missa na casa da gente. Eu era da Cruzada, ia ao catecismo, ajudava como coroinha, e em casa rezava missa sozinho, imitando os gestos de nosso querido Pe. Meirelles. Vestia uma camisola de minha mãe e pronto - eu virava sacerdote. Será que hoje, mesmo em famílias piedosas, alguma criança reza missa por brincadeira? Foram, pelo jeito, brincadeiras de nosso tempo. Como, aliás, várias outras brincadeiras do recreio da noite que as crianças de hoje não têm mais.

Companheiro Paulo Toschi, seu livro inspira o leitor, como inspirou, por exemplo, o Araújo, o João Steck e a mim. Outros talvez tenham tido seus sentimentos revoltos pelas palavras do texto. Valeu a iniciativa. Parabéns. Espero que, pela Internet, a gente consiga prosseguir no diálogo frutuoso sobre a educação recebida no Seminário do Ibaté. Palavra de seminarista, gostei de seu **PALAVRA DE SEMINARISTA!**

(\*) Letterio Santoro, 72 (55/59) Membro da APEG (Associação de Poetas e Escritores de Garça). Autor, entre outros, do Livro de poemas O EU HERÓI, e da série de livros LIÇÕES DAS CERJEIRAS. letterios@hotmail.com

# ARAÇÁ FAZ MOÇÃO DE REPÚDIO AOS DOIS “NÓIS NUM SÊMO TATU” (Direito de Resposta)



Luiz Roberto Soares-Araça\*

Já que ninguém me defendeu da malévola acusação do CARECA, em seu artigo publicado neste conceituado Jornal, em sua edição de número 111 (Nov./dez.2010), o MOSCA, usurpando de sua autoridade de Presidente, sentiu-se no direito de assacar contra minha pessoa, agora pela segunda vez, em artigo publicado na última edição do “Echus”, a mesma terrível frase : “Mas o velho Araçá, o nosso Arnesto, fez é muita farta”. Que descalabro! Que injustiça! Quão nefanda e ultrajantemente mendaz é tal assertiva! Sou caipira, é bem verdade, de origem, e com muita honra, nascido que fui nos berços da “cidade ternura da Castelo Branco”, o “Portal do Interior”, a bela e faceira Araçariguama. Sempre gostei muito da redonda, tanto da pequena, a bolinha de gude, como da grande, a bola de futebol, e, a propósito, tive a honra de defender o “Galo de Ouro”, nas plagas do Ibaté. Até aí, tudo bem. Não é honesto, no entanto, dizer que fiz “muita farta”. Desde sempre, primei pela lealdade nas contendas futebolísticas, respeitei os adversários, pratiquei o “fair play”, desarme os oponentes com classe e leveza, sem agressões de nenhuma ordem, nunca fui expulso, ou, sequer, advertido, como, então, poderia fazer “muita farta”? Isso machuca meu nobre coração e me entristece mortalmente. O mais nefasto e terrível de tudo isso é que fica demonstrado, de maneira incontestada, o conluio abominável entre o CARECA e o MOSCA, visando atingir minha límpida moral e minha reputação ilibada. E mais: como todos sabem, sempre fui zagueiro (no interior, chamamos, sabiamente, de “beque”), portanto, jogando perto da área, e, assim, fazer “farta” dentro da área seria “pênalti”, o que nunca cometi. Com estes singelos, mas sinceros dizeres, imagino ter repudiado convenientemente e veementemente, os dois sujeitos patranheiros que citei acima, isto, sim, um odioso “mau exemplo”.

Aproveito o ensejo para destacar que tivemos, aproximadamente, vinte e cinco encontros do gênero, e que participei desde o primeiro, que se realizou em Mairinque, em 1.996, em espaço conseguido pelo amigo MANGA na Eternox, num dia em que houve muita chuva, desde a nossa chegada até a saída, e muita pinga, trazida num litrão ituano pelo ORLANDINHO (Orlando Moraes), de Araçariguama, sorvida inclusive durante o jogo em pugna renhida, em que foi registrado o primeiro gol destes encontros futebolísticos, convertido pelo grande e estimado amigo QUINZINHO. Em todas as oportunidades, os times foram montados, de maneira democrática e colegiada, e os jogos disputados nos mais variados rincões, como Salto, Itu, Jundiá, São Roque, Mogi das Cruzes e em Itatiba, que se transformou na sede oficial. Registro que, de todos estes jogos, meu time perdeu uma ÚNICA VEZ e, portanto, venceu em TODAS as demais.

Depois de todas estas patacoadas e chocarrices, o que eu queria dizer mesmo, meus queridíssimos companheiros e amigos, é que amo profundamente vocês todos, como já tive oportunidade de manifestar, “ao vivo e em cores”, no penúltimo encontro em Itatiba, em março de 2012, e que senti “pacas” não ter podido conviver este dia com vocês, por questões profissionais. Agradeço de novo, outra vez, novamente, os diletíssimos amigos VIRSÃO e OKSANA por nos propiciar momentos tão grandiosos, maravilhosos e emocionantes. Pelo amor de Deus, FIQUEM VIVOS em 2013 e que a Virgem Santíssima abençoe a vocês, aos seus filhos e a sua fantástica família. Abraço forte ao MOSCA e ao CARECA e muitíssimo obrigado por tudo o que vocês já fizeram (e, ainda, farão) pelos companheiros do Ibaté até hoje. Também a vocês ordeno: FIQUEM VIVOS.

(\* Luiz Roberto Soares-Cacique dos Araçás, 59 (64/69) - Advogado, Corretor de Imóveis e são paulino de primeiro escalão soares@bamberg.com.br

## Na Casa do Pai

• Faleceu em 04.12.2012 o colega DOMINGOS BOTTARO. Ele foi aluno do Seminário de Pirapora no ano de 1942. Era um dos que faziam parte da coordenação dos encontros de ex-alunos do Seminário de Pirapora que deu origem aos nossos encontros do Ibaté.

• Faleceu em 10.12.2012 aos 86 anos de idade o PROF.AZUREM FERREIRA PINTO. Estudou no Seminário Central do Ipiranga onde se ordenou sacerdote em 1956, exercendo o presbiterato por cerca de 15 anos. Fundou e administrou duas universidades, a UniPaulistana e a UniAbc.

• Faleceu em 18.12.2012, aos 61 anos de idade, nosso colega CARLOS CESAR HENRIQUES (64/69). Vide matéria na página 8.

• Faleceu em 23.12.2012 nosso colega NADER WAFEE (50). Era médico, doutor em anatomia pela Escola Paulista de Medicina e Professor Titular da Universidade Federal de São Paulo.

• Faleceu em 13.01.2013, aos 59 anos de idade, nosso colega LUCIANO PEREIRA MONTEIRO (66/67). Teve grave hemorragia gástrica, motivada por um câncer na garganta.





Joaquim Benedicto de Oliveira\*



José Wolf

Confessar que eu amava? Minha doença era de amor, caramba!

Wolf, sabe quem me ensinou como fazer nesse caso? Nosso mais importante mandi, ele mesmo, o Corazza. Disse-me lá do alto de sua sabedoria e compreensão: “A comunhão é para quem está doente, não para quem não precisa de remédio”.

Olha só! Ele podia ter dito isso para mim também... Ou, afinal, durante tantos telefonemas que trocamos, será que ele falou e eu não o ouvi? Quantas vezes ruídos estranhos dificultam nossas conversas. E, na nossa idade, há um natural envelhecimento das oitivas. É a senectude!

No “Relato de uma experiência quase terminal”, do Echus 117, de novembro de 2011, você escreveu que, depois do infarto, levado para a UTI do PS de Santana, se sentia “às portas da casa do Pai, onde se encontram tantos amigos”. Então, continua você, passa pela sua mente um filminho da sua trajetória existencial: Seminário do Ibaté, Aparecida e Roma e, posteriormente, sua vida de jornalista. Que lição tirou você desse episódio de vida e morte?

Sabe, Quinzinho, quando saí de lá, liguei exatamente para o Corazza e lhe disse que havia percebido estar em “boas mãos”. Nas mãos de Deus, dos amigos e do próprio Corazza. E entendi que precisava “simplificar minha vida, livrando-me do supérfluo”. Compreendi também que devia me preocupar menos com os tropeços, tentações e desafios do passado pois tudo isso são apenas “rastros e ecos de nossa fugaz passagem pelo planeta Terra”. Agora é pensar “no que fazer e mudar nesse tempo de prorrogação que Deus me concedeu”.

Wolf, quando você fala de amigos, a quem você se refere?

Em primeiro lugar, é claro, ao mestre Corazza, a quem me identificava por ter ele sido advertido porque não sabia jogar futebol. A amiga Andréia e seu marido Carlinhos e ainda minha amiga “madre Teresa” Birsoi. E ainda toda essa “procissão de excluídos” que são meus vizinhos da rua Guaianazes, com quem convivo nesta Cracolândia e onde vejo a “cara do Brasil real”. E a amiga Maria Martins, de Rio Claro, que é só elogios à ação pastoral do Otto Dana. Também os amigos do Ibaté, que nomeio no Echus 96, de 2008. E Deus, Dieu, God, Allah ou Jeová, com quem estou entrando em acordo.

O que você espera ainda do mundo?

Espero que “a tolerância e o respeito vençam os preconceitos, as discriminações raciais, sexuais e culturais e as restrições aos direitos de ser e pensar diferente”.

Você sentiu alguma diferença no seminário que, de algum modo, o excluía?

Olá, Wolf, como vai esse saltense como eu, nascidos ambos nas margens do Tietê, ao som valente da cascata, que embalou nossos sonhos de meninos, abertos para a realidade naquela pequena ilha, cercada de águas, taperás, pedras e desejos, bem chamada “ilha do amor”?

Tudo bem, Quinzinho, agora não mais preocupado com a viagem que estava prestes a fazer por conta da nossa idade. Aliás, você nem sequer quis discutir comigo sobre as dúvidas que eu tinha de como encarar essa passagem das margens do nosso rio para as definitivas margens da vida. Por que nada me disse sobre isso?

Bem, amigo, na verdade eu lhe disse que você não precisava se preocupar e que confiasse em Deus já que imagino que Ele não pensa da mesma maneira que suas criaturas. Principalmente que não julga do mesmo modo de quem tem critérios para muito mais condenar do que absolver e perdoar. Para nossos juizes, até um pensamento ou até uma tentação já são pecados. A impressão que dá é que eles estão sempre “loucos” para mandar a gente para o inferno... Credo! Às vezes, eles condenam a gente por não amarmos da mesma maneira que eles. Esquecem que o importante é amar e condenam o modo de amar...

Parece isso mesmo, Quim. Só que eu não dei muita bola pra eles e isso me causou muito sofrimento. Eu queria comungar porque me sentia doente. Mas havia sempre alguém pra me lembrar que tinha de confessar! Mas como?

Claro. Você mesmo, Quim, presenciou minha atitude de rebeldia, ao quebrar meus óculos novos, porque alguns superiores recriminavam-me achando que eu queria “aparecer”, só porque o modelo era um pouco diferente dos que todo mundo usava. O sofrimento foi muito grande já que para mim, adolescente, a bronca deles não tinha sentido. Mas é claro que esse meu ato foi emblemático. Significou uma revolta mais ampla contra tudo o que representasse exclusão. Já chegava a “vergonha” de ser um punha ou a de não ser um grande ator. E ninguém foi capaz de me explicar que nada disso tinha importância.

No Echus 122, você escreveu “Vida contra Morte”, com dedicatória ao P. Pascoal Amato, que lhe despertou a paixão pelo texto. Por que, nesse momento de tanta reflexão, você foi procurar um teólogo protestante para meditar sobre a vida e a morte?

Eu queria refletir sobre a intrigante questão que sempre nos incutiram de que a vida deveria ser um sacrifício e lugar só de dores, já que vivíamos num vale de lágrimas. E o Norman Brown, em livro editado pelas Vozes, pondera sobre a luta que dentro de nós se manifesta entre o instinto de morte e a alegria e o prazer de viver. Estive sempre intrigado porque não nos ensinaram a equilibrar essas duas tendências, ao invés de salientar tão poderosamente o instinto de morte. Por que, afinal, prevaleceu a valorização

do sacrifício, por que o permanente sentimento de culpa arrebatou de nós o júbilo de viver? Tendo, então, passar a limpo minha maneira de viver para que minha existência “não se transforme num efêmero rascunho”.

Se esta fosse sua última palavra ao mundo, o que teria a dizer?

“Agradeço a Deus tanta dádiva que recebi, inclusive o privilégio de ter participado da turma do Seminário do Ibaté, ao qual devo a bagagem cultural e espiritual, que iluminou a minha trajetória profissional. **Deo gratias!**”

**Wolff: eu e o Simões estivemos na sua missa de sétimo dia celebrada na igreja de Santa Ifigênia, no dia 29 de novembro, às 18 e 30. A tarde estava linda, gostosamente quente e as pessoas que passavam em frente à igreja, enquanto nós esperávamos a hora da missa, nos pareciam mais felizes do que o comum naquela Cracolândia que você bem conhecia. Pensamos nos anjos que talvez estivessem rodeando a igreja, antes de entrar. Achamos que havia no ar algo parecido a uma canção dedicada ao amor entre as pessoas, expressa em rostos felizes de casais de diversos tipos. Era o clima de diversidade do qual você soube muito bem fazer parte. Amigo, a paz esteja com você como esteve conosco durante sua missa.**

(\*) Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, 75 (50/56) - Doutor em Literatura Brasileira. Professor aposentado da PUCSP. Saltense que nunca esqueceu da beira do rio, mesmo sendo este, o Tietê. Joka.oliveira@uol.com.br

## Fui à missa do Wolf



Augusto José Chiavegato\*

Uns nascem caxias, limpinhos, sempre cheirando a banho, pontualidade é-lhes inata. Para mim conquistei-a por aprendizagem, por descoberta, nunca querendo ser escravizado pelo tempo, para que?! Acontece, gente, por traz de uma hora marcada, esconde-se alguém que nos espera. À missa cheguei com uns dez minutos de atraso. Entrei, pouca gente, não vi nenhum rosto conhecido. Ué?! será que anotei erradamente lugar e horário? Paciência, lá fiquei em distrações tentando a concentrar-me unido a todas as missas do mundo em lembrança do Wolf, comunhão dos que amam. A um momento lembro-me rindo: uma vez, Luiz Carlos, meu primo e eu, fomos a um enterro, não me lembro de quando nem para que conhecido. Chegamos a atraso no velório, anexo ao cemitério. Enterro já partira. Corremos e ao longe o vimos. Plantamos no rabo do cortejo que não percebessem nosso atraso. A passo lento o enterro, ao óbvio, em silêncio ouvindo-se um fiuinho, fiuinho das rodas do defunto-móvel precisando de graxa. Umhas pessoas tristes, outras falando, no fim, um cara fumava fumegando pro lado, aos respeitos de uma grávida ao lado. Como estranhei, percebeu sem dizer, ar de enfado que dissesse: não encha, a vida é isso mesmo! Meu primo abanando-se com a Gazeta Esportiva: que calor! - froxeando o nó da gravata, tirando o lenço a enxugar a testa. Disse-lhe preocupado: Zinho, não vi nenhum conhecido?! Ele olhou na frente, levantou pés: epa, é mesmo! Ao que, percebemos que a umas três alamedas ao lado, outro enterro em marcha, o nosso, em tempo de ajuntarmos nossas tristezas às dos demais, a tempo da oração terminar descansa em paz - e a responder: Amém!

Volto à Santa Ifigênia, à missa não reconheci nossos colegas, nem tampouco seus amigos arquitetos que conheço, através blogs. Caramba, será que ninguém veio?! Ao Deo gratias saí. Andava pelas redondezas a caminho do Teatro Municipal onde passa meu ônibus, o centro depreciado de prédios e de gentes, muitos amigos do Wolf dormindo em calçadas, curtindo suas pingas e seus craques. Cai-me em desânimo: para que entregar uma vida pra nada?! Séculos a séculos repercutem os gritos dos desesperançados diante do homem, braços abertos, no calvário que dou sua vida pelo amor dos homens, para que?! Fundos mistérios. Sei que a fé cura o desamor e o desespero, ao que toco minha vida guardando uma alegria inquebrantável entregando-me ao abandono de Deus. Mas é fogo! Mil vezes repito a fastio: quem criou sementes de amor com tanta fecundidade frutificando em invisíveis céus a viverem felizes os pobres, desgraçados, perdidos filhos de Deus? Wolf já sabe.

(\*) Augusto José Chiavegato, 78, ex-aluno do Seminário do Ipiranga de 54 a 57. Filósofo e Professor Universitário aposentado. Lecionou no Seminário Central e na PUCSP. Exerceu o sacerdócio no período de 1960 a 1975. augustochiavegato@globo.com

# ADEUS, CARLOS CESAR!



Francisco Ferreira de Almeida\*

Amigos, gostaria de comentar um pouco do meu choque ao receber um telefonema, às 7,30h da manhã, do Alessadro, filho do Carlos César, dizendo: Ferreirinha, nosso pai nos deixou! Era quarta-feira, 19.12.12. Nós nem sabíamos que ele estava doente, portanto imaginem o impacto. Daí a mente começou a relembrar uma trajetória de quase 49 anos de amizade.

Uma das maiores crenças que tenho é de que somos regidos por uma única Lei Universal, a Lei da Causa e Efeito, Ação e Reação, e, por causa dessa Lei, nada é por acaso na nossa vida, tudo tem uma causa evolutiva. Assim foi comigo e o Carlos César.

Nos conhecemos em São Roque no famoso Março de 1964 e fomos descobrindo algumas coincidências e afinidades. Éramos paraibanos, ele de Itaporanga e eu de Conceição, cidades próximas, chegáramos pequenos em São Paulo e morávamos perto, ele na Vila Palmeiras e eu na Vila Pompéia, nascemos em 1951, ele em fevereiro e eu em outubro.

No seminário desenvolvemos o gosto pela leitura, pela escrita, pela música e por fazer reuniões orientativas, motivacionais, encontros, principalmente na fase dos Encontros dos Focolarinos, um movimento católico, que fez parte das nossas vidas.

Estávamos juntos no primeiro conjunto musical do Seminário, além do Benê (Benedito Antonio da Silva), do Pepe (Jose Cláudio Pepe), do Rovirso (Rovirso Aparecido Boldo), do Zezo (Acácio Fecchio) e do Crispilho (Sergio Crispilho).

Eu saí de São Roque no final de 1968 e ele 1969. Graças as reuniões dos Focolarinos que se davam na Rua Caio Prado, continuamos a amizade e a participação no conjunto do Movimento, cantando, tocando e fazendo shows. Mais tarde juntou-se ao conjunto e permaneceu por muito tempo o Benê (Benedito Antonio da Silva). Foram muitos encontros, na sua casa, na igreja da vila Palmeiras, no seminário da Freguesia, junto com o Rovirso, nos casamentos dos colegas, Savinho, Benê, Rovirso, em reuniões na casa dele no conjunto Solar dos Amigos, na Vila Sonia, onde descobriu que era vizinho do Negão, (Luis Roberto da Silva Oliveira), no primeiro encontro de ex-alunos de São Roque quando fomos até Helvetia, e tantos outros e diversos momentos da vida profissional.

Ele fez Administração de Empresas e eu Publicidade e Propaganda e sempre estamos dando um jeito de almoçarmos junto e trocar experiências, como chamávamos estes encontros. Encontros de amigos, onde cada vez mais um conhecia o outro e nos aconselhávamos. Trocávamos livros e aprendizados. Trabalhamos juntos como gerentes por três anos numa empresa no Alphaville, dirigimos reuniões espiritualistas num grupo em Santana, elaboramos alguns projetos de consultoria em planejamento.

As vezes ficávamos sem falar durante o ano, mas em duas datas nos falávamos, nos nossos aniversários, raramente deixamos de nos cumprimentar nos últimos 30

anos, pelo menos.

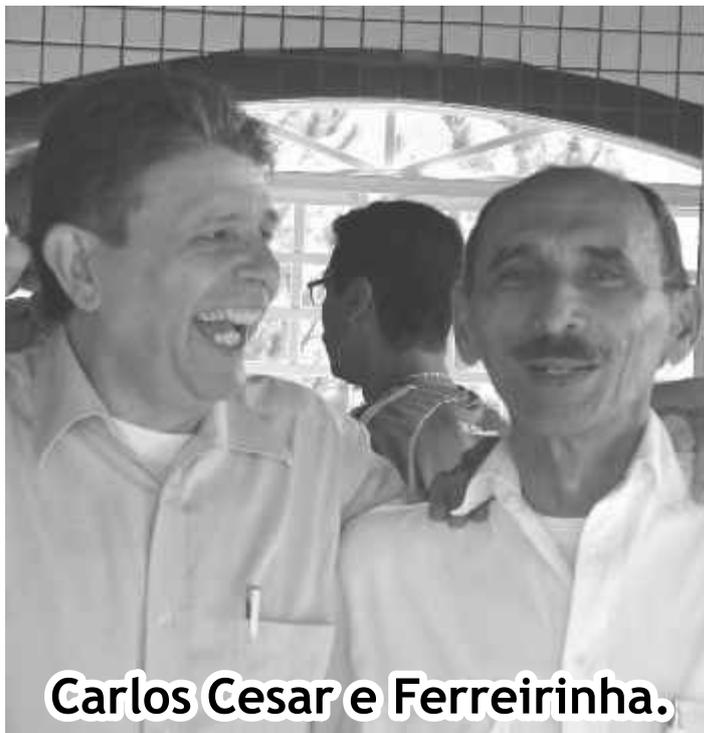
Sempre foi uma pessoa da qual me lembrava com respeito e com saudade por fazer tempo que não via. Tive a oportunidade de dizer isto a ele, de que ele era uma pessoa de quem eu tinha saudade, tinha vontade de conversar com o amigo, com o amigo que sempre tinha uma palavra ou um conceito de orientação, uma experiência, um exemplo para ajudar naquela situação. Esta era outra afinidade nossa, porque também costumo agir assim e ajudar sempre que posso com uma boa palavra. Era um amigo que nunca recriminava, evitava julgar e compreendia. Aí reside outra crença minha, de que somos colegas de classe da escola evolutiva da vida, em várias dimensões e materializações. Somos amigos e vamos desenvolvendo esse sentimento ao longo do nosso progresso, sempre nos reencontrando e crescendo. Isso explica as nossas afinidades no percurso da vida.

Esse é o resumo de uma convivência, de uma amizade verdadeira com esse colega que reencontrei em 1964, no seminário do Ibaté. Um colega que cumpriu o seu compromisso de amizade, de amigo de verdade, comigo nesta encarnação.

Agradeço muito a Deus por esta amizade e rezo, vibro e agradeço por ele e por todos os seus familiares que conheci nesta jornada, seus pais, irmãos, a Nadir, seus filhos, por tudo o que me doaram e ensinaram.

Como a nossa vida é eterna, fica um até breve, até o nosso reencontro, Carlos César!

Muita Luz no coração de todos!



**Carlos Cesar e Ferreirinha.**

(\*) Francisco Ferreira de Almeida, 60 (64/68) - Publicitário, Pós-Graduado em Marketing, ESPM, atuou em marketing Promocional por mais de 15 anos e atualmente trabalha como Consultor de Marketing e Imobiliário para pequenas empresas. franciscoferreira@gmail.com

# CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

**De Mario Ferrari Sobrinho (66)** - Pessoal do Echus do Ibaté: Uma das coisas que eu mais curtia no seminário era assistir o Pepe tocando saxofone. Foram momentos marcantes dos quais nunca me esqueci. O som da sua música acho que tocava a todos os companheiros da época. Lamento muito que ele tenha nos deixado, e que ele continue com sua arte no reino dos Céus. Cotia-SP 13.12.2012 promo@promoplay.com.br

**De Benedito Antonio da Silva (65/68)** - Olá Wilson Mosca, aqui é o Benê, estudei no Ibaté de 1965/1968, recebo sempre seus emails e jornais. Infelizmente ainda não consegui um espaço para participar de pelo menos uma atividade com vocês. Vejo através dos jornais, velhos amigos. Bartolomeu, Ferreirinha, Sávio, Rovirso, Isaias, entre outros. Hoje ao abrir o jornal fiquei muito triste ao saber da morte de dois grandes amigos: Claudio Pepe que fazia parte da minha banda no seminário, além de goleiro do Leão de São Marcos e o Heleno Cesarino com quem eu tinha uma boa amizade. Estarei orando pelo descanso deles e pela felicidade das famílias. Por favor transmita aos amigos o meu forte abraço e espero que em breve eu possa estar com vocês pelo menos um encontro. Um forte abraço. Praia Grande-SP 16.12.2012 bene.moreno@globo.com

**De Irmã Tulia Pascale** - Caros bons amigos do Seminário do Ibaté e familiares. É sempre uma alegria desejar-lhes votos de um Feliz e Santo Natal a todos. Com orações e abraços a todos. Deus os abençoe sempre. São Paulo-SP 23.12.2012

**De Irmã Suzana Maria Carneiro Malta** - Sr. José Justo, há muito tempo gostaria de agradecer-lhe (e o faço agora) pela gentileza de enviar-me o Jornal ECHUS DO IBATÉ. Gosto de apreciar a amizade que ainda une os ex-seminaristas e muitos deles do tempo do nosso saudoso D.Constantino. Desejo-lhe um ano de 2013 pleno das bênçãos de Deus. Coragem sempre e continuem com esta bela e saudosa amizade! A todos orações e gratidão. D.Constantino sempre falava com muito carinho de todos vocês...embora um pouco severo (como reconhecia), muito os amava. São Carlos-SP 27.12.2012

**De Dionísio Leite da Costa (50/56)** - Wilson e demais amigos do Ibaté: louvores ao Pai, por podermos continuar usufruindo da maravilha do dom da vida. Abraços a todos vocês, com votos de um abençoado novo ano para vocês e famílias. Taubaté-SP 01.01.2013 dionisio.lc@uol.com.br

**De Alfredo Barbieri (49/53)** - Caro Mosca, acabei de ler o livro GUSTAVO DA SILVEIRA-RAÍZES do nosso saudoso PAULO ACÁCIO MARTINS, parentes e amigos. Foi uma leitura prazerosa. Por alguns dias senti-me morador de Gustavo da Silveira, Município de Curvelo, nas Minas Gerais. Viajei no trem da EFCB, participei da vida na Fazenda Porteirinhas, rezei na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, cavaleguei no Rucinho (que nada tem a ver com a Rússia), aproveitei as férias com os meninos da Wanda, chupei jabuticaba, perto do corguinho, comi goiaba no pé, morangos...tomei banho na Caixa d'água da linha do trem, estudei com a professora Albertina, arrematei nos leilões na Festa da Padroeira: penca de laranjas, bolos, doces, frango, queijos, me extasiei com as histórias de assombração, fiquei devoto de Irmã Ana de São Bartolomeu e São José, visitei o Curtume com seus tanques enormes e vi a preparação da tinta da casca de barbatimão para tingir o couro, me enterneci com o amor de Armando e Marlene, selando seu amor com a fuga de bicicleta, lembrei-me da Emulsão de Scott e da Panvermina (já tomei muito), cortei cabelo, com seu Paulo, debaixo do pé de tamarino ao lado da porteira de ferro, soube do milagre de São Geraldo, que curou o Joneta, enfim, foram dias de enlevo. No final, fiquei com água na boca, com as receitas: doce de laranja, costela de Boi no Bafo, pão de queijo assado em folha de bananeira... e por aí vai. Se fosse comentar o texto todo, escreveria outro livro. Quero deixar aqui o meu abraço a todos os heróis desta saga Gustavo da Silveira e seus autores, cada um com seu estilo, mas muito competentes. Paulo Acácio você fez e faz parte da nossa grande família do Ibaté e onde alguém ler este livro, você estará presente. O b r i g a d o . T a u b a t é - S P 0 3 . 0 1 . 2 0 1 3 alfredo\_barbieri@hotmail.com

Recebemos e agradecemos felicitações pelo Natal e Ano Novo dos seguintes colegas: Airton Gobbi, Alberto Pimenta Junior, Antonio da Aparecida Simões Cuccio, Antonio de Lima, Antonio José de Almeida, Antonio Marcos de Almeida, Arnaldo Maia, Asdrubal Baruffaldi, Augusto José Chiavegato, Claudio Giordano, Daniel Gasparini, Eduardo Antonio Santiago (Manga), Francisco Ferreira de Almeida, Francisco Tadeu Reclusa Maciel, Geraldo José Lichieri, Herminio Bernasconi, Joel Hirenaldo Barbieri, José Fernandes de Silva, José Francisco Godinho, Letterio Santoro, Lourenço Medeiros (Perereca), Luiz de Gonzaga Giannini, Luiz Gonzaga Cruz, Luiz Norberto Loureiro, Marcos Guerra, Osvaldir La Falce, Paulo Oliveira Leite Gonçalves, Pedro Sansone, Ricardo Martins de Paiva e Pe.Ubajara Paz de Figueiredo.

**ES**  
**AMARAL**  
ADVOCACIA

## © F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito da família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 - Conj. 13 - 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

[contato@fsamaral.com.br](mailto:contato@fsamaral.com.br) - <http://fsamaral.com.br>

# ECHUS DO IBATÉ NA ERA ELETRÔNICA

Até a alguns anos atrás, uma carta demorava uns quinze dias para sair do “remetente” e chegar ao “destinatário”; Isso, se ou quando chegava.

Os tempos mudaram e os serviços dos Correios melhoraram muito. Uma correspondência ou uma encomenda postada num dia, chega ao destino em 24 horas, ou em 48 horas se a distância for grande.

Os tempos continuam mudando, agora de modo vertiginoso. Do casamento do computador com a tecnologia da informação nasceu a internet que veio interferir nos mais diferentes campos da vida moderna. A mídia eletrônica transmite de imediato toda espécie de informação e, com muita frequência, em tempo real.

E pensar que Paris ficou sabendo da morte de Napoleão um mês depois que ele tinha morrido na ilha de Santa Helena!

Em seguida nasce o correio eletrônico (para a alegria/tristeza dos carteiros...), o tal eletrônico mail, expressão que pode ser pronunciada com maior rapidez: e-mail. Então, as nossas correspondências chegam de imediato, uma atrás da outra e, muitas vezes, dando “serviço” pra “lixeira”.

Ora pois. O nosso Echus do Ibaté precisa seguir na esteira do processo eletrônico; deve acompanhar a agilidade das comunicações. Daí porque já há algum tempo o boletim tem chegado às mãos de alguns colegas também através da internet. O ideal será que isso aconteça com o maior número possível de ex-alunos. Por quê?

Muito simples:

- pela disponibilidade imediata de chegar ao leitor assim que a edição estiver pronta;
- toda a coleção estará disponível em um arquivo virtual, a serviço de muitos outros interessados;
- pela substancial redução de custo financeiro (envelopes, correio, papel, tinta...) e de mão de obra (dobrar, envelopar, levar ao correio...);
- o planeta Terra sabe se defender sozinho, mas uma ajudazinha com economia de papel e de tinta não faz mal pra ninguém.

Acontece que o cadastro do boletim contém o nome de 927 ex-alunos e professores. Desse universo, 450 têm o registro de seu e-mail e apenas 133 fizeram a opção por recebê-lo via e-mail. E os outros? Ainda não atingiram a idade dos meios eletrônicos ou estão com medo dos hackers? do WikLeaks?

Temos, hoje, nas nuvens, como se costuma dizer na área de TI, todos os nossos informativos, desde seu nº 1, até o último já editado, nos links abaixo: <http://177.103.223.197/downloads/Echus/> ou <http://189.19.55.31/downloads/echus/>

É só acessar e escolher qual edição queira ler e pronto, de imediato ela se abrirá e ficará disponível para leitura ou impressão.

Faça sua opção de receber nosso Informativo só pelos links. Vamos ajudar a proteger a natureza. Colabore, também, com a campanha do ECHUS DO IBATÉ eletrônico. Mande-nos seu endereço eletrônico para o e-mail [echus@zipmail.com.br](mailto:echus@zipmail.com.br), mesmo que você prefira continuar recebendo (e vai receber) através do correio convencional.

## O IBATÉ NA SÃO SILVESTRE

Repetindo o feito de 2011, mais uma vez, nosso colega ANTONIO DA APARECIDA SIMÕES CUCIO (67/68), o nosso Sherlock Holmes, participou da 88ª CORRIDA INTERNACIONAL DE SÃO SILVESTRE, tradicional prova paulistana realizada no último dia 31 de dezembro de 2012.

Nosso colega alcançou a 7644ª posição entre os mais de 25.000 inscritos e, na sua faixa de idade, 55 a 59 anos, alcançou a 486ª posição, percorrendo os 15 km em (tempo corrigido) de 1:35:01 hora. Para uma simples comparação, na prova realizada em 31 de dezembro de 2011, SIMÕES, alcançou a 6700ª posição entre todos os inscritos e a 398ª posição na faixa etária de 55 a 59 anos, percorrendo a mesma distância em 1:29:05 hora. É, um ano a mais nas costas pesa.

Parabéns, mais uma vez ao SIMÕES que com sua felicidade e entusiasmo nos proporciona muitas alegrias.

Neste final de 2013 ele estará lá, mais uma vez, representando nosso Ibaté.



# Hotantiqua



Esta foto de 1966 registra as festividades da entrega da **Bandeira das Missões**, de forma definitiva para o Seminário do Ibaté, por ter sido bi-campeão de arrecadação da Campanha da Missões que era anualmente realizada, envolvendo vários seminários do Brasil. Para arrecadar fundos a gestão de 1966 desenvolveu serviços de engraxate, venda de terços, rifas, venda de bebidas e lembranças nos dias de visitas das famílias e doações dos colegas, conseguindo um resultado expressivo. Por isso, aconteceu esta solenidade com a presença do cardeal Dom Agnelo Rossi que fez a entrega da Bandeira ao colega **Ferreirinha-Francisco Ferreira de Almeida (64/68)** que foi o Encarregado das Missões daquele ano do bi-campeonato. A foto mostra Ferreirinha, respeitosamente, osculando a mão de Dom Agnelo Rossi, cardeal arcebispo da Arquidiocese de São Paulo, sendo, atentamente, observado por Mons. Constantino. Foi um dia de festa e almoço especial diante da presença ilustre do nosso Cardeal.

## CASO EDIFICANTE

### Confessando...



José Lui\*

Um senhor fiel se dirige à Igreja para se confessar. O confessor está livre. Ajoelha-se e começa a falar:

- Padre eu tenho muitos pecados.
- Diga-me, filho, que coisas você fez?
- Sabe padre, durante a guerra mantive escondido em minha casa um hebreu.
- Ora, ora, e isto teria sido por acaso um pecado? Pelo contrario, foi uma ação muito meritória, de infinita admiração. Você lhe salvou a vida.
- Sim padre, isto é verdade, porém eu lhe cobre por isto.
- Isto, na verdade não foi muito bom, mas quanto você cobrou?
- Cem mil liras ao dia
- Puxa! Isto macula um pouco a sua boa ação. Mas enfim, resta o fato que salvou sua vida. Vá em paz, filho, não tenho nada a absolvê-lo

O fiel se levanta, e após alguns passos volta ao confessor:

- Padre, o senhor acha que eu devo dizer a ele que a guerra já acabou?

(\*) José Lui, 76 (49/56) - Filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978. rubrolui@hotmail.com

## PARÓQUIA DAS TROVAS

## TEMA: XI ENCONTRO

Vai-se o tempo..., vai-se a vida...,  
faz-se aurora no Ibaté,  
pressagiando, na acolhida,  
nosso Encontro Onze. Evoé!

Antonio Jurandyr Amadi (51/57)

Décimo Primeiro Encontro,  
a festa foi convocada;  
que não haja desencontro,  
até lá e pé na estrada.

Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)



Eu te vejo, meu irmão,  
nas Colinas do Ibaté  
para celebrar a união,  
a Saudade, o amor e a fé

Alfredo Barbieri (49/53)

Envie-nos você também  
a sua trova. Tema para o  
próximo ECHUS: SAUDADE

# Para-choque do Caminhão do Ibaté

A saúde é a maior prova de que  
o passado valeu a pena !



## Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

## Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br  
Av. Francisco Matarazzo,  
229 - cj 45 - Água Branca  
contato@estudiomutum.com.br

**11 3852 5489**

O objetivo da nossa parceria é viabilizar o atendimento aos nossos clientes, solucionar dúvidas em relação ao destino que o cliente deseja conhecer, fazer a reserva do hotel, passagem aérea e carro, indicar o melhor pacote de viagem disponível para determinado destino naquele período.

Atendimento personalizado aos nossos clientes oferecendo assim as melhores opções de roteiros para a sua viagem Nacional, Internacional, Rodoviário ou Cruzeiro Marítimo.

Comprando na Polinésia Turismo você terá acesso a Serviços diferenciados, Promoções e Descontos especiais.

**Desconto de 6% (seis)** nos preços de pacotes aéreos nacionais e internacionais (fretamento).

**Desconto de 5% (cinco)** nas diárias de Hotéis nacionais e internacionais.

**Desconto de 4% (quatro)** nas tarifas de Cruzeiros Marítimos.



**Polinésia Turismo**

www.pollnesiaturismo.com.br

**(11) 3104-1818**

**Não gosta de comprar um pacote de viagem?**

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 20.01.2013	
POSIÇÃO EM 30.11.2012	20.477,138
<b>ENTRADAS</b>	
Contribuições e doações	1.403,61
Juros	180,77
<b>TOTAL ENTRADAS</b>	<b>1.584,38</b>
<b>SAÍDAS</b>	
Postagem Echus 123	1.026,10
Impressão Echus 123	980,00
Kalunga cf 138164-envelopes	32,30
Kalunga cf 63941-etiquetas	41,90
Pap. Levi cf 68182-etiquetas	25,00
Renovação Caixa Postal	64,00
Despesas Bancárias	26,80
<b>TOTAL SAIDAS</b>	<b>2.196,10</b>
<b>SALDO ATUAL 20.01.2013</b>	<b>19.865,41</b>
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

## AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 22.11.2012 a 28.01.2013, dos seguintes colegas: Alberto Pimenta Junior, Antonio da Silva Machado, Antonio José de Almeida, Daniel Gasparini, Francisco Fierro, Heitor Aguiar Polidoro, José Écio Pereira da Costa Junior, José Fernandes da Silva, José Justo da Silva, Rocco Antonio Evangelista, Vicente de Paulo Moraes e Vladimir Merlo Garcia. Informamos que existem vários depósitos em nossa C/C que não foram identificados, deixando, pois, de serem relacionados na lista acima. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

## EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP- Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alfredo Barbieri, Antonio Jurandy Amadi, Attilio Brunacci, Augusto José Chiavegato, Francisco Ferreira de Almeida, Joaquim Benedicto de Oliveira, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, Letterio Santoro e Luiz Roberto Soares.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, Caixa Postal 71.509, Cep 05020-970, S.Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet: E-mail: echus@zipmail.com.br  
Blog do Ibaté: www.imate-sp.blogspot.com  
E-mail do Blog do Ibaté: imate.sp@gmail.com  
"Palavra de Seminarista" (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br  
Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br  
Twitter Amigos do Ibaté: http://twitter.com/echusdoibate  
Comunidade no ORKUT: EX-ALUNOS SEMINÁRIO DO IBATÉ (www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?Cmm=723696)  
Comunidade IBATEANOS no Facebook  
Echus do Ibaté nas nuvens: links  
http://177.103.223.197/downloads/Echus/ ou  
http://189.19.55.31/downloads/Echus/

Tiragem: 900 exemplares.

Diagramação/Impressão: Conexão Propaganda

